

# O jornalismo dos novos tempos e os novos tempos do jornalismo

**Anna Paula Knewitz\***  
**Nilda Jacks\*\***

Artigo recebido em:  
20 de abril de 2010  
Aprovado em:  
21 de agosto de 2010

**Resumo:** A atual configuração temporal vem transformando o jeito de fazer jornalismo; o jornalismo, da mesma forma, vem alterando o modo de perceber e assimilar o tempo. À frente desse intercâmbio estão as ferramentas tecnológicas, que buscam incessantemente encurtar a distância entre fatos e relatos, e os leitores, que, com certa defasagem, vêm tentando desenvolver novas habilidades para acolher o mundo em seu fluxo. Este texto se dispõe a refletir sobre esse descompasso entre as rápidas inovações na esfera da produção e as mais lentas adaptações na esfera da “recepção”, apontando, sobretudo, para algumas interferências do webjornalismo – e das referências temporais que lhe são inerentes – nos processos de leitura.

**Palavras-chave:** *Webjornalismo; leitor de notícias; tempo.*

\* Mestre em  
Comunicação e  
Informação pela  
UFRGS, onde integra  
o Núcleo de Pesquisa  
Cultura e Recepção  
Midiática.

annaknewitz@gmail.com

## The journalism of the new times and the new times of the journalism

**Abstract:** Today’s time configuration has been transforming the way of doing journalism; journalism, likewise, has been altering the ways of perceiving and assimilating time. Ahead of this exchange are the technological tools, which incessantly seek to shorten the distance between facts and reports, and the readers, which with a certain delay, have been trying to develop new abilities to assimilate the world in its flow. This essay intends to reflect about this mismatch between the fast innovations in the sphere of production and the slowest adaptations in the sphere of “reception”, pointing, specially, to some interferences coming from the webjournalism – and from temporal references that are inherent to it – in the processes of reading.

**Keywords:** *Webjournalism; reader of news; time.*

\*\* Professora do PPG  
em Comunicação  
e Informação da  
UFRGS. Doutorado  
em Ciências da  
Comunicação  
pela USP e Pós-  
doutorados na  
University of  
Copenhagen,  
Dinamarca, e na  
Universidad Nacional  
de Colombia.  
Pesquisadora nível 1  
do CNPq. .

jacks@ufrgs.br



## Introdução

**M**ais do que um conceito físico, o tempo, bem como o espaço, é uma construção simbólica e histórica. Assim, suas características e seu valor variam em consonância com a percepção que fatores socioculturais e técnicos moldam a cada época. Nas sociedades restritamente orais, o compartilhamento de uma mesma esfera espaço-temporal era pré-requisito para o ato da comunicação. Com o advento da escrita e, posteriormente, da impressão, a informação, materializada em um dispositivo, ganhou maior alcance, podendo ser consumida em temporalidades e espacialidades distintas daquela em que foi produzida. Com o desenvolvimento da eletricidade e dos instrumentos de teledifusão, o encurtamento das distâncias consolidou-se e adquiriu celeridade, e hoje, na era digital, essa nova condição extremou-se, de forma a sugerir a dissolução das coordenadas espaço-temporais.

O espaço superou os limites geográficos para ser elaborado segundo a lógica dos bytes, enquanto o tempo, a ele atrelado, vem encolhendo-se para atender às demandas do simbolismo ciberespacial. Diretamente relacionado aos modos de idealizar e assimilar o tempo e o espaço (seja na posição de influenciado ou de influenciador), o jornalismo também passa por transformações, tanto no que diz respeito a práticas produtivas quanto a práticas de leitura. Refletir sobre algumas dessas transformações é objetivo deste texto.

## Inter-relações entre tempo e jornalismo

A temporalidade, mais precisamente a atualidade, é, segundo Franciscato (2000), um dos principais demarcadores que singularizam o discurso jornalístico entre os conteúdos dos demais saberes sociais. E esse vínculo é de longa data. O autor conta que já nos séculos XVII e XVIII o fator temporal foi decisivo para que se constatasse a necessidade de inscrever na sociedade a prática social de relatar o cotidiano e que, no século XIX, a temporalidade orientou a institucionalização do fazer jornalístico e de seus produtos.

A temporalidade dá uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social. A notícia tem um tempo de existência efêmero, seja em consequência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substituição regular ou sua permanência em desdobramentos sucessivos. A notícia traz, normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal, sua duração breve na expressão de um presente que se esvai (FRANCISCATO, 2004, p.4).

Além disso, o tempo presente é considerado um aspecto essencial da ati-

vidade jornalística na medida em que o jornalismo não só o relata como, no momento de sua circulação e discussão, o ajuda a construir e experienciar. “O conteúdo jornalístico e suas formas expressivas fornecem um conjunto de informações que subsidiam a construção de ações sociais, seja na formação de agendas, estímulo a debates ou formulação e condução de decisões públicas” (FRANCISCATO, 2004, p.5).

Portanto, a noção de atualidade jornalística perpassa aspectos operacionais de produção bem como aspectos culturais relativos às formas intersubjetivas de vivenciar o presente. Por meio dessas duas interfaces, tempo e jornalismo estabelecem uma relação interdependente: “Não é apenas o jornalismo que contribui para a experiência social do tempo. Ele também depende, para existir, de certa percepção temporal” (MATHEUS, 2009, p.1).

Enquanto os critérios de noticiabilidade são manejados a partir de sentidos construídos culturalmente, as notícias auxiliam na elaboração do cotidiano. Baseando-se nessa recursividade, é possível que se diga que o jornalismo não só é desencadeado por relações temporais, quanto as desencadeia. Nesse sentido, Franciscato (2004) propõe cinco categorias descritivas de relações temporais desencadeadas pelo jornalismo: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. A próxima seção dedica-se a abordá-las a partir dos parâmetros de tempo e espaço que regem o webjornalismo<sup>1</sup>, enfatizando as implicações que essas relações, em sua nova formatação, vêm trazendo especialmente às práticas dos leitores.

## A configuração espaço-temporal do webjornalismo e as práticas dos leitores

As tecnologias digitais e as redes telemáticas rompem com a concepção linear e progressiva da história. Para Martín-Barbero (2004, p.270), depois do tempo cíclico das origens e do tempo linear da história cronológica, “entramos em um tempo esférico que, ao desrealizar o espaço, liquida a memória, sua espessura geológica e sua carga histórica”. Lemos (2007) também descreve essa mudança na perspectiva temporal:

Na modernidade, o tempo é linear (progresso e história) e o espaço é naturalizado e explorado enquanto lugar de coisas (direção, distância, forma, volume). Na modernidade, o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a encarnação do tempo linear, implica a conquista do espaço físico. Na pós-modernidade, o sentimento é de compressão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediate) e as redes telemáticas desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas,

<sup>1</sup> Tendo em vista a ausência de consenso acerca da terminologia a ser utilizada quando se faz referência ao jornalismo praticado na internet, Mielniczuk (2003) problematiza algumas nomenclaturas, entendendo que o webjornalismo “diz respeito à utilização de uma parte específica da internet, que é a Web” (p.4)

sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço. Este é o ambiente comunicacional da cibercultura (p.67-68).

Essa mesma tendência é constatada por Castells (2002), para quem a sociedade em rede se dá em um cenário em que o homem parece ter o poder de decidir o momento e o lugar a ser vivenciado, uma vez que o tempo é intemporal e o espaço é de fluxos. O tempo intemporal é aquele dilatado, fragmentado e sobreposto, que mistura passado, presente e futuro e se efetiva sob demanda, no instante desejável; que utiliza a tecnologia “para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno” (CASTELLS, 2002, p. 460). Quanto ao espaço, o autor diz que no novo sistema de comunicação “localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares” (2002, p. 466).

Os limites de espaço e tempo são, assim, dissolvidos, e para Palacios (2003) isso marca a maior ruptura trazida pelo jornalismo na *Web*. A facilidade de disponibilização de conteúdo noticioso na internet vem fazendo com que o ambiente comunicacional se torne cada vez mais abrangente e imediatista. As informações tornam-se velozes, globais, excessivas e, conseqüentemente, muitas vezes incompatíveis com a capacidade de absorção das pessoas. O leitor é impingido a acelerar sua rotina e a desenvolver novas habilidades para acolher o mundo em seu fluxo.

Já com o jornal impresso nascia um “leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta de tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade” (SANTAELLA, 2007a, p.29). Mas nos últimos anos, com o surgimento do webjornalismo, todas essas características do leitor parecem se potencializar, pois o acompanhamento dos assuntos é contínuo, em regime de plantão, fazendo com que o atual dure cada vez menos. O usuário precisa formular rapidamente suas percepções e ações sob o risco de estas já nascerem invalidadas pela mobilidade das informações.

Soma-se a isso a interatividade proporcionada pela *Web*, que faz com que a necessidade de resposta seja aproximada do leitor de notícias. Camuflada nesse progresso está uma grande preocupação: boa parte do que o usuário passa a ganhar em tempo, com a necessidade de responder movido pela racionalidade do instante, sujeita-se a negligenciar em profundidade, podendo reforçar uma composição ambivalente, defendida por vários autores: “mais notícias e menos interpretações, mais mobilidade nas transmissões e mais quietismo dos espectadores” (MORAES, 2006, p. 43).

O imenso volume de informação e de possibilidades que a *Web* e as tecnologias digitais oferecem muitas vezes torna os indivíduos confusos, imóveis. Se por um lado a quantidade de escolhas que o usuário é levado a fazer ao adentrar

---

## **Tecnologias digitais e redes telemáticas rompem com a concepção linear e progressiva da história**

---

neste mundo on-line é instigante, por outro amedronta, já que pressiona o indivíduo a administrar ele mesmo o tempo (ALMEIDA, 2008, p.5).

Essa condição se agrava à medida que as pessoas vêm se tornando mais impacientes ao acessarem a *Web*, optando por respostas imediatas às suas buscas. Conforme pesquisa da Nielsen Norman Group (maio/2008), apresentada por Almeida (2008, p.1), “agora (2008) as pessoas estão conseguindo atingir mais suas metas ao utilizarem a *Web*, em relação a 1999 (75% de sucesso, contra 60% anos atrás) e estão deixando de navegar ‘à deriva’ pelos sites, dirigindo-se diretamente à informação procurada”. O jornalismo, portanto, precisa estar alinhado a essa demanda por uma navegação objetiva, e a validação dos conteúdos pelos profissionais da mídia torna-se uma estratégia que pode conduzir a isso. É nesse sentido que Primo e Träsel (2006) destacam o reformulado papel de filtragem exercido pelo jornalista: se não há limitações de espaço, não há mais a necessidade de descartar informações (*gatekeeper*), porém, mais do que nunca, surge a necessidade de avaliá-las (*gatewatcher*).

Sem uma seleção adequada do conteúdo a ser lido, o usuário tende a esbarrar na superficialidade da leitura, não alcançando os “níveis” mais imersivos da comunicação, descritos por Wolton (2004). Para o autor, a comunicação se dá em três tempos: ao vivo, quando as respostas são quase que instintivas; em médio prazo, quando o receptor apela “para suas próprias lembranças, representações, ideologias, para situar no seu próprio contexto espaço-temporal as informações recebidas” (p. 86-87) e em longo prazo, momento em que “se organiza a coabitação dos valores da modernidade com os valores dos demais universos simbólicos” (p.87). Como as neotecnologias imprimem um ritmo hiperacelerado ao cotidiano, colocando o presente em constante processo de esvaziamento e desuso, muitas vezes o leitor tem que desabilitar algumas reflexões, pouco adentrando nesses “níveis”. Um caráter volúvel e a-histórico, dessa forma, pode ir impregnando os acontecimentos.

O mais comum no ciberespaço parece ser a produção de sentido em curto prazo:

No ciberespaço, a informação transita à velocidade da luz. As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais, zigzagueantes na horizontal, na vertical, na diagonal com que o olhar do infonauta varre ininterruptamente a tela, na movimentação multiativa do ponteiro do mouse e na velocidade com que a navegação é executada. Não há mais tempo para a contemplação (SANTAELLA, 2007a, p. 181-182).

Essa afirmação pode, de certa forma, ser contradita pelos dados trazidos por Baldessar (2008), que, baseando-se em relatório 2007 do projeto Eyetrack - Instituto Poynter, que realiza estudos a partir do rastreamento do movimento do globo ocular dos navegadores, aponta que “os internautas são leitores mais detalhistas do que os de jornais impressos: [em testes realizados,] eles leram

77% do texto das notícias publicadas *on-line* enquanto os leitores de jornais tamanho standard, 62%, e os dos tablóides, 57%” (p.5). Canavilhas (1999) atenta, porém, para a qualidade dessa leitura. Tomando como referência uma pesquisa efetuada por Nielsen e Morkes, ele afirma que 79% das pessoas que navegam na internet não leem as notícias palavra por palavra, limitando-se a fazer uma leitura por varrimento visual.

Tal informação torna-se ainda mais relevante se for levado em consideração que “a atualidade de um produto jornalístico depende também dos procedimentos dos leitores ao repercutirem o conteúdo das notícias ou conversações. Ou seja, que há um ‘tempo dos leitores’” (FRANCISCATO, 2007, p. 11):

A temporalidade jornalística possui pelo menos três pólos: um está no objeto noticiado, cujo movimento orienta os procedimentos da atividade jornalística; um segundo pólo é o da própria instituição, que possui seus movimentos próprios, suas regras, princípios, exigências e possibilidades; o terceiro é o tempo do leitor, relacionado às formas individuais e coletivas de experiência do tempo (FRANCISCATO, 2007, p.2).

Esse tempo dos leitores seria o tempo da discussão pública, dos comentários, da avaliação dos conteúdos. “Isto significa dizer que o alcance do que é jornalisticamente atual depende dos tipos de relações significativas que os receptores pretendem ou conseguem realizar entre fatos e contextos” (FRANCISCATO, 2000, p.12). Uma vez que voltada para práticas enunciativas do usuário, essa temporalidade tende a inflar com as possibilidades participativas emersas com a *Web 2.0*. Entretanto, se o tempo do usuário for reduzido a um passar de olhos pelo conteúdo noticioso, como sugerem as pesquisas recém-mencionadas, torna-se ainda mais provável o perecimento prematuro dos fatos.

Assim, em relação de reciprocidade, jornalistas e leitores parecem encurtar o sentido de novidade, encaminhando-se para a filiação à crença de que “a duração não é mais uma segurança, é uma imprudência. Tudo o que se solidifica a ponto de comprometer o versátil, o móvel e o fluxo da rede são entraves à nova ordem” (NUNES, 2005, p.37). Os leitores muitas vezes deixam-se reger pela lógica do consumo descartável, enquanto os megaportais de notícias entram em uma disputa acirrada por quem publica segundos antes.

Não descolar a produção de notícias do tempo presente sempre foi uma preocupação inerente ao jornalismo e, com as inovações tecnológicas, essa defasagem entre o tempo do ocorrido e o do relato vem, sem dúvidas, encolhendo-se. A preocupação que surge, então, é a de que, na ânsia de não ficar para trás do movimento do mundo, o discurso jornalístico avance mais rápido do que o próprio ritmo social, como podem sinalizar algumas das informações previamente expostas.

Martín-Barbero (2006) refere-se a esse fenômeno como destempo. Para ele, as pessoas “podem assimilar com certa facilidade as imagens da modernização que as mudanças tecnológicas propõem, mas é em outro ritmo, bem mais lento e doloroso, que podem recompor seus sistemas de valores, de normas éticas

e virtudes cívicas” (p. 56). Com essa assincronia, esses sistemas, que teoricamente constituem o mais sólido suporte das condições de recepção, “passam a existir num quadro de rápida obsolescência e de definitiva incerteza quanto a seu sentido” (SODRÉ, 2006, p. 199). Ou seja, “o charme da instantaneidade carrega, em contrapartida, as ambiguidades preocupantes da falta de referenciais” (WOLTON, 2004, 84).

Transpondo essa questão para a esfera da emissão, pode-se observar que nela o descompasso entre tecnológico e social também requer atenção. Pesquisa desenvolvida por Soster (2003), tendo como objeto empírico a cobertura das eleições presidenciais brasileiras no link UOL Eleições 2002, mostrou que, em função do entusiasmo com as novas possibilidades técnicas, o jornalismo “acaba por gerar um ambiente que relega a um segundo plano justamente o que vinha alimentando sua credibilidade: o rigor na informação” (SOSTER, 2003, p.317). O autor, ao deparar com 1.392 lapsos em 468 matérias, conclui que errar parece ser a regra nos cada vez mais concisos textos jornalísticos e que, portanto, a velocidade requerida nas publicações abala a precisão. Esses erros exercem algum impacto negativo na percepção que o leitor possui da empresa jornalística, bem como do conteúdo oferecido por ela. O valor da notícia passa a residir em sua instantaneidade e não em sua credibilidade. “Mais rápido, mais errado e menos confiável parece ser a equação mais perigosa para o campo jornalístico dos últimos tempos” (SOSTER e MACHADO, 2003, p.10).

Graças à tecnologia, “mais abrangente” também se torna uma característica do jornalismo contemporâneo, uma vez que, no ciberespaço, diferentes grupos de pessoas, das mais distantes localidades, podem desfrutar simultaneamente de uma mesma condição espaço-temporal. Esse compartilhamento leva o leitor a conviver em um contexto dobrado, composto pelo presente que figura na tela do computador e pelo presente em frente à tela. A fronteira entre os estados de presença e ausência, em decorrência, perde sua nitidez. “Presença e ausência intercambiam-se, sobrepõem-se em um mesmo espaço, gerando a vivência da ubiquidade: estar lá, de onde me chamam, e estar aqui, onde sou chamado, ao mesmo tempo” (SANTAELLA, 2007b, p.139).

Ao estar concomitantemente em dois lugares, o leitor obriga-se a bifurcar sua atenção, podendo cair no que Santaella (2007b) chama de atenção parcial contínua, que significa estar permanentemente com uma fração de si conectada, em estado de alerta. A autora destaca que isso “conduz à perda da capacidade de diferenciação entre as situações que exigem alta densidade de atenção e as que impõem pouca densidade de atenção, de modo que todas as situações acabam se neutralizando em um mesmo diapasão” (SANTAELLA, 2007b, p.239).

Canavilhas (1999) parte dessa interpenetração entre espaços físicos e ciberespaços para problematizar outra faceta da temporalidade jornalística: a periodicidade. Para ele, “por estar *on-line*, o webjornal está acessível à escala global a utilizadores de diferentes fusos horários e, portanto, não se justifica acorrentar a cadência noticiosa ao ciclo biológico das pessoas que o utilizam” (p.7). O leitor não mais precisa alinhar-se aos intervalos regulares de geralmente um dia, que são tão característicos do jornal tradicional a ponto de, como lembra Matheus (2009), inspirarem seu próprio nome (*journal*). Isso

não significa, entretanto, a extinção da noção de periodicidade, mas a troca de sua unidade de medida, que deixa de ser os dias para se tornar os minutos ou os segundos.

Moherdauí (2005), ao estudar o “Último Segundo” ([www.ultimosegundo.ig.com.br](http://www.ultimosegundo.ig.com.br)), diz que o site disponibiliza uma notícia a cada 90 segundos ou em intervalos ainda menores, totalizando cerca de mil notícias por dia. Soster e Machado (2003) apontam também o caso do “Últimas Notícias”, do UOL ([www.noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/](http://www.noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/)), onde as informações, segundo eles, são atualizadas a cada minuto, somando, em média, 1.440 notícias por dia. “É um número surpreendentemente grande, principalmente se comparado à quantidade de matérias veiculadas em dias da semana na edição analógica do jornal Folha de São Paulo, entre 100 e 200 textos por edição de segunda a sexta-feira” (SOSTER e MACHADO, 2003, p.9).

[Nos primórdios], a periodização dos jornais direcionou modos de definir e dar forma à notícia. O intervalo de tempo entre duas edições sucessivas surge como uma fronteira para demarcar a atualidade dos eventos, indicando a sua validade temporal como potencialmente noticiáveis. Produzir uma notícia implicou em fragmentar eventos em cortes temporais conforme a periodicidade da publicação. Em uma dimensão macro-social, esta forma de operar a temporalidade do evento contribui para a redefinição da temporalidade pública: mútuas influências entre a atividade jornalística e a sociedade fazem com que o produto jornalístico esteja associado tanto aos ritmos da vida cotidiana quanto da organização jornalística (FRANCISCATO, 2004, p.11).

Em função da internet, esses ritmos da organização jornalística e da vida cotidiana apresentam-se ambos mais frenéticos, e a noção de edição perdeu sentido, logo, se vive uma grande mudança na temporalidade pública. No webjornalismo, a revelação pública se tornou mais frequente e até mesmo mais descompromissada, dado que muitas vezes o fato é revelado sem sequer ser rigorosamente checado. Isso ocorre porque as ágeis atualizações propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas fazem da webnotícia um texto em constante construção, que, mesmo depois de postado, pode ser corrigido, ampliado, removido, lincado com outros textos, comentado, ainda com o diferencial de, no caso do webjornalismo participativo, isso tudo ocorrer de forma descentralizada.

Por parte do leitor, isso tanto pode gerar insegurança ou descrédito diante das informações, como ter uma consequência avessa: motivá-lo a acompanhar os eventos de perto em seu decorrer. Os desdobramentos das notícias estimulam no leitor um envolvimento continuado com os acontecimentos, uma apropriação bem mais incisiva do que o permitiam fazer os meios tradicionais:

Alguns marcadores de periodicidade nas mídias tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão) geraram uma institucio-

nalização tão significativa de um sentido temporal (o jornal diário matutino criando a impressão de nos relatar o “ontem” ou os telejornais da noite com a intenção de apresentar um “resumo das notícias do dia”) que conseguiram representar simbolicamente, por meio da aplicação de técnicas de apuração e construção discursiva, uma unidade temporal em seu conteúdo e, em consequência, dar indicadores mais concretos para que o público sentisse estar em contato com eventos do tempo presente (FRANCISCATO, 2007, p.4).

É importante lembrar que a periodicidade tradicional e a instantânea não se anulam, pelo contrário, complementar ou concorrencialmente, adensam ainda mais a plataforma de múltiplas dimensões temporais abertas pelas narrativas jornalísticas. Franciscato (2000, p.13) exemplifica essas sobreposições com os jornais *on-line* “que oferecem tanto a edição diária com notícias do ‘dia anterior’ quanto ‘notícias em tempo real’ ou links para edições anteriores, permitindo que os ‘leitores’ façam seus próprios recortes e relações temporais”.

Essa questão das edições anteriores introduz um último fator temporal que se pretende abordar: a memória. “As notícias que nos alcançam pelos mais variados meios, em tempo real, na velocidade com que se sucedem e apagam mutuamente, (...) colaboram para produzir efeitos de esquecimento” (FERRAZ, 2008, p.2). Segundo Sarlo (2001), essa duração passageira das coisas faz com que a memória volte a exercer um importante papel na leitura do mundo, visto que cabe a ela compensar a efemeridade do presente e atribuir-lhe um sentido. “El nuevo milenio se abre sobre esta contradicción entre un tiempo acelerado que impide el transcurrir del presente, y una memoria que busca dar solidez a ese presente fulminante que desaparece comiéndose a sí mismo” (SARLO, 2001, p.98).

Enquanto a tendência parece ser a valorização dos efeitos dos fatos noticiados, a memória insiste que suas causas não sejam abandonadas.

Nesse quesito, o webjornalismo tem uma grande vantagem com relação ao jornalismo impresso, pois dispensa espaços físicos para armazenar sua história e, por meio de bancos de dados, consegue, com baixo custo e grande organização, deixar o passado acessível ao lado do presente, diferindo o tempo e ampliando contextos. Para Palacios (2002), a capacidade de armazenar e recuperar as notícias, expandindo a sobrevivência do presente e mixando-o com passado e futuro, é a grande diferença entre os jornalismo digital e impresso. “Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interactividade) e de grande flexibilidade combinatoria (Hipertextualidade), o jornalismo tem na *web* a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa” (PALACIOS, 2002, p. 7).

Essa memória permite que muitas lembranças sejam disponibilizadas em estado de virtualidade, e que, a elas, o leitor possa, com ajuda dos sistemas de indexação e recuperação, aplicar vários filtros, estabelecendo diferentes percepções e fazendo com que a apreensão dos sentidos se torne um processo mais bem elaborado, contextualizado e prolongado. Em outras palavras, os

---

**No webjornalismo, a revelação pública se tornou mais descompromissada, pois muitas vezes o fato é publicado sem ser checado**

---

bancos de dados viabilizam tecnicamente o gerenciamento de recordações e esquecimentos com base em um estoque imenso de informações.

Num produto jornalístico construído em bases de dados, as possibilidades combinatórias entre os itens ou notícias inseridas podem gerar mais conhecimento com valor noticioso, produzindo diferentes configurações para as informações e, inclusive, novas tematizações ou elementos conceituais para a organização e apresentação dos conteúdos (BARBOSA, 2005, p.1).

De acordo com Barbosa (2006), essa nova forma de criar, classificar, apresentar, documentar, atualizar e articular as informações jornalísticas requer “outro tratamento, conformado a partir das noções de: resolução semântica, metadados, relato imersivo ou narrativa multimídia e jornalismo participativo” (p.1). Isso significa que a estruturação das informações em banco de dados permite narrativas mais densas, interligadas, criativas e cooperativas.

A partir da apuração e da contextualização do acontecimento, a densidade semântica vai aumentando progressivamente. Se considerarmos a participação dos usuários – o que denomina-se jornalismo participativo – acrescentando comentários, complementos à informação, críticas e sugestões, bem como a inserção de áudios de entrevistas, imagens fixas e em movimento, e infográficos multimídia ou interativos, teremos um aumento contínuo da resolução semântica, cuja meta a atingir seria o estado em que todas as informações sobre o evento estariam disponíveis (BARBOSA, 2006, p. 9).

Quanto mais alta for a resolução semântica, maior a probabilidade de cada leitor evocar recortes distintos de acordo com seus interesses e condições e efetuar uma leitura customizada. Isso porque as possibilidades de cruzamento em bancos de dados são amplamente flexíveis. Essas bases não trazem definidos os polos de uma correlação, mas o tipo de relação que pode ser estabelecida entre os dados ou campos. Desse modo, “qualquer elemento da notícia, desde a fonte e jornalista até o destaque dado às notícias ou ao corpo de letra em que surge, pode ser uma característica da notícia, e como tal uma classificação que permite a constituição de relações com outras notícias” (FIDALGO, 2003, p.3).

Portanto, surgem com o jornalismo digital baseado em bancos de dados inteligentes novas possibilidades de articular passado, presente e futuro dentro daquilo que se chama de atualidade jornalística. Como o leitor vai gerenciar essa nova oportunidade ainda não está por todo claro, pois, como se insistiu aqui, o instrumental se move em uma velocidade bem mais acelerada que o social. Há um “choque entre duas escalas de tempo, aquela da mudança técnica (uns vinte anos) e aquela dos comportamentos sociais, muito mais lentos para se constituir” (WOLTON, 2003, p.93).

## Considerações finais

Quis-se aqui mostrar que a nova forma de fazer jornalismo vem desafiando e redimensionando as noções de tempo e de espaço (e vice-versa). Falou-se da instantaneidade, que vem se consolidando com um dos mais decisivos critérios de noticiabilidade; da simultaneidade, que vem adensando e estendendo a base de notícias; da periodicidade, que vem encurtando sua unidade de medida; das revelações públicas, que se tornam mais frequentes e até inconsequentes na ânsia de não deixar a cada vez mais efêmera novidade passar sem ser trazida ao público; da memória, que vem, em contrapartida, tentando organizar o excesso de informação e enraizar os fatos nos contextos, muitas vezes perdidos nos acelerados fluxos comunicacionais.

Ademais, buscou-se expor que essas transformações na perspectiva temporal vêm incentivando mudanças no processo de leitura. Inseridos nesse mundo apressado do webjornalismo, os leitores tendem a rever suas estratégias e a desenvolver maior destreza. Se por um lado é inegável que eles interferem, talvez mais do que nunca, nos modos de produção jornalística, por outro, percebe-se também que estão gradativamente desenvolvendo novas competências: convivem em uma rotina de multitarefas, captam sentidos em breves varrimentos visuais, comentam conteúdos sem necessitar de profundas reflexões ou de amplo domínio do contexto, são capazes de exercitar a ubiquidade, acompanham diversos assuntos ao mesmo tempo, fazem consultas personalizadas e até, em algumas circunstâncias, confundem-se com a figura do jornalista<sup>2</sup>.

Essas são algumas habilidades que parecem despertar os novos tempos do jornalismo, mas será que são essas motivações que deveríamos esperar do jornalismo dos novos tempos? Evidentemente, não se quer dizer que as atuais práticas dos leitores sejam fruto de determinismos tecnológicos, pois é sabido que os usuários retroalimentam os fluxos entre tecnologia, cultura e comunicação, mas que deve haver maior consciência de que as rédeas de todas essas transformações precisam estar em suas mãos. O público deve ser o protagonista quando o assunto são as inovações nos dispositivos e produtos jornalísticos, pois a inovação é um ciclo que só se encerra com a apropriação. Nesse sentido, acredita-se que pesquisas empíricas podem auxiliar a levantar as demandas do leitor e a melhor orientar as manobras tecnológicas em seu favor.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Melissa Ribeiro de. **Cultura digital e a economia do tempo**. 2008. Trabalho apresentado ao II Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2008.

BALDESSAR, Maria José. **Conhecendo as linguagens e os leitores: a produção de notícias no portal [www.cotidiano.ufsc](http://www.cotidiano.ufsc)**. 2008. Trabalho apresentado ao II Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Suzana. **Bases de dados e webjornalismo: em busca de novos**

<sup>2</sup> Outras práticas dos leitores de notícias em meio impresso e digital podem ser consultadas em estudo empírico desenvolvido na dissertação "A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de [Zerohora.com](http://Zerohora.com)" (KNEWITZ, 2010).

conceitos. 2005. Trabalho apresentado ao 4º Congresso da Sopcom, Aveiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é jornalismo digital em base de dados.** 2006. Trabalho apresentado ao XV Encontro da Compós, Bauru, 2006.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web.** 1999. Trabalho apresentado ao I Congresso Ibérico de Comunicação, Covilhã, 1999.

CASTELLS, Manuel A **sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura.** V.1. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete.** Trabalho apresentado ao XVII Encontro da Compós, São Paulo, 2008.

FIDALGO, António. **Sintaxe e semântica das notícias on-line: para um jornalismo assente em base de dados.** Trabalho apresentado ao XII Encontro da COMPÓS, Recife, 2003.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. 2000. **A atualidade no jornalismo.** Trabalho apresentado ao X Encontro da COMPÓS, Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. **O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** 2004. Trabalho apresentado ao XIII Encontro da Compós, São Bernardo do Campo, 2004

\_\_\_\_\_. **A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo online.** 2007. Trabalho apresentado VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – Intercom, Santos, 2007.

KNEWITZ, Anna Paula. **A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de Zerohora.com.** Porto Alegre: UFRGS, 2010. 230 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 295 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma agenda para a mudança de século. In: \_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004. P. 257-303.

\_\_\_\_\_. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006. P. 51- 79.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Mediações jornalísticas do tempo: narrativas, periodicidade e produção e sentido histórico.** 2009. Trabalho apresentado ao XVIII Encontro da Compós, Belo Horizonte, 2009.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web.** 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismo-compos7doc2003/mileniczuk2003.doc>. Acesso em jan. 2009.

MOHERDAUI, Luciana. **O usuário de notícias no jornalismo digital: um estudo sobre a função do sujeito no Último Segundo e no A Tarde Online .** Salvador: UFBA, 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MORAES, Denis. **A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação mi-**

- diática. In: \_\_\_\_\_. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. P. 33-49.
- NUNES, Máira Fernandes Martins. **Tempo e linguagem no webjornalismo** Niterói: UFF, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate**. 2002. Disponível em : <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaoememoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaoememoria.pdf)>. Acesso em 10 jan.2009
- \_\_\_\_\_. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo *on-line*: o lugar da memória. In: PALACIOS, Marcos, MACHADO, Elias (Orgs.); **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.
- PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, v. 14, p.37-56, 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2007a. 191 p.
- \_\_\_\_\_. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007b. 468 p.
- SARLO, Beatriz. Transformaciones. In: \_\_\_\_\_. **Tiempo presente: notas sobre el cambio de una cultura**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2001.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 268 p.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. A relação entre velocidade e precisão em webjornalismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.353-363, jul./dez. 2003.
- SOSTER, Demétrio de Azevedo; MACHADO, Marcia Benetti. **A velocidade e a precisão em tempos de webjornalismo**. Trabalho apresentado ao XII Encontro da Compôs, Recife, 2003.
- WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Tradução de Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003. 232 p.
- \_\_\_\_\_. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 544 p.